



Repórter-personagem: foco narrativo, semiose e vinculação na reportagem ‘A casa de velhos’, de Eliane Brum¹

Maria Cecília Costa Braga da SILVA²

Ítala Clay de Oliveira Freitas³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Esta pesquisa busca, em uma abordagem qualitativa, analisar mecanismos narrativos e de tramas não-ficcionais que favoreçam a vinculação, como dimensão comunicacional, em reportagens do gênero Jornalismo Literário. O objeto de estudo é o repórter-personagem, tendo como corpus a reportagem “A casa de velhos”, publicada no livro “O olho da rua” (2017), de Eliane Brum. Trabalha-se com a ideia de que, em reportagens literárias, o repórter assume a posição de como narrador-personagem. Para analisar tal estrutura narrativa, são utilizados trabalhos de Santaella (1986), Portella (1976), Sodré (2011), Bulhões (2009) e Pena (2018). Ao articular os conceitos de vinculação e cognição de Sodré com as categorias fenomenológicas de Peirce examina-se a construção de signos comuns aos personagens que expõem a relação entre repórter e narrador-personagem.

Palavras-chave: Jornalismo literário; repórter-personagem; foco narrativo; vinculação; Eliane Brum

1 Introdução

O gênero do Jornalismo Literário tem como preceitos básicos uma visão mais ampla da realidade e maior imersão do jornalista na realidade a ser retratada, além de incorporar elementos literários para tornar a narrativa mais atrativa e pessoal, buscando criar vinculação. Dadas tais características, será explorado o foco narrativo do repórter em uma reportagem de Jornalismo Literário, considerando o papel do jornalista como de um narrador-personagem.

¹ Trabalho apresentado no GP 02 Comunicação, Jornalismo e Culturas Contemporâneas do Jornalismo do II Congresso de Jornalismo da Amazônia.

² Bacharela em Comunicação Social – Jornalismo pela FIC-UFAM. Pós-graduanda em A Moderna Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e-mail: mceciliacbraga@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da FIC-UFAM, e-mail: iclayfreitas@hotmail.com



II Congresso de Jornalismo da Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



As origens do gênero remontam à década de 1970, com o movimento do New Journalism, proposto pelo jornalista Tom Wolfe, que ia contra a rapidez de produção das reportagens e propunha uma abordagem mais subjetiva por parte do repórter. Ao longo dos anos, o Jornalismo Literário se organizou de maneira espontânea, gerando um gênero resultante das metamorfoses e interações entre Jornalismo e Literatura, como afirma Pena (2018).

O narrador-personagem, segundo Bulhões (2009), é quando um personagem também inserido na história, desempenha a função de narrador. É uma perspectiva limitada, que narra apenas aquilo que teve acesso ao longo de sua vivência. Assim, analisa-se como o repórter se relaciona com o ambiente e os sujeitos da reportagem que, assim como ele, seriam considerados personagens da narrativa.

A vinculação, capacidade de determinado produto ou sujeito para criar vínculo com o outro e provocar movimentos dentro da comunidade, como dito por Sodré (2011), está no cerne da Comunicação. No caso do Jornalismo Literário, pode-se dizer que o repórter foi transposto de uma posição tradicional de narrador-observador para a posição de narrador-personagem, uma vez que sua imersão na realidade retratada o faz criar vinculação com os demais personagens e o mundo a ser reportado.

Nessa medida, é necessário pôr em discussão a ideia de imparcialidade total no jornalismo, e valorizar produtos jornalísticos mais subjetivos e interpretativos, que estimulariam o senso crítico e cognitivo do público. Assim, a pesquisa se justifica por adotar a subjetividade como aspecto constituinte da linguagem jornalística, a partir da exposição do processo de criação de vínculo entre personagens e da adoção de elementos narrativos literários.

Tem-se como objetivo geral a análise dos processos de vinculação em reportagens que sigam a vertente do jornalismo literário. Como objetivos específicos estão analisar o papel de repórter e a relação com o conceito de narrador-personagem e, a partir disso, relacionar o modo como o repórter lida com a realidade durante a produção da reportagem. Pretende-se também fomentar reflexões a respeito do Jornalismo Literário



e da personalidade como elemento no ofício de repórter e do uso de elementos narrativos literários como estratégia de comunicação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e um estudo de caso. A metodologia para sua realização se iniciou pela pesquisa bibliográfica, seguida de leitura e estudos em semiótica filosófica, teoria do jornalismo e teoria literária; leitura do livro *O Olho da Rua* (2017) e decupagem da reportagem *A casa de velhos*, seguida de sua análise e interpretação considerando os conceitos que formulam a proposição do repórter-personagem.

2 Comunicação, Literatura e Jornalismo

Contar histórias faz parte da natureza humana desde os primórdios da civilização, através de narrativas ancestrais como mitos, lendas e contos populares. Tais narrativas e a capacidade fabulativa são responsáveis pelo registro e perpetuação crenças e histórias ao longo do tempo, sendo, portanto, “um substrato elementar da experiência humana”, como afirma Bulhões (2009, p. 35).

Muitos acontecimentos colaboraram para confluências entre a literatura e o jornalismo, destacando-se a invenção da imprensa, e as formas de entretenimento popular dos séculos XVIII e XIX, *vaudeville*, melodrama e folhetim, sendo este o primeiro produto literário direcionado para a população geral. Era veiculado nos jornais e sua estrutura baseava-se nos interesses mercadológicos das empresas de comunicação, que começavam a se firmar na época.

Pena (2018, p. 28) ressalta que a influência da Literatura na imprensa se dá em maior grau entre os séculos XVIII e XIX, quando escritores descobriam as potencialidades dos jornais como espaço público “não apenas comentando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais” (p. 28). Além do folhetim, suplementos literários e, no Brasil, as crônicas, também foram formatos responsáveis por estreitar os laços entre jornalismo e literatura.

Segundo Pena (2018), os gêneros “são relativos e transitórios, com princípios dinâmicos e em estado perene de transformação” (p. 20). Pena (2018), assim, assume o

Jornalismo Literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (p. 21), um gênero independente, que é resultado das metamorfoses e transitoriedades dos campos do Jornalismo e da Literatura, ele também em constante transformação. Para caracterizá-lo como gênero, Pena apresenta a Teoria da Estrela de Sete Pontas, onde cada ponta simboliza uma característica de reportagens literárias.

Figura 1: Esquema da Teoria da Estrela de Sete Pontas feito pela autora (2018)



3 Repórter-personagem

O conceito de “repórter-personagem”, caracterizaria o papel do repórter adepto do Jornalismo Literário. O conceito será fundamentado pelas dimensões semânticas da Comunicação, de Sodré (2011), as categorias fenomenológicas e a anatomia do signo na semiótica peirceana, introduzidas por Santaella (1986), além de fazer referência aos tipos de foco narrativo apresentados por Bulhões (2009).

3.1. Focos narrativos e o narrador-personagem

Os focos narrativos são definidos por Bulhões (2009, p. 80) como “a representa o da informa o narrativa com base em determinado campo de consciência ou perspectiva”, sendo a consciência do narrador o ponto de referência para a narrativa



como um todo. O foco narrativo divide-se em três tipos: focalização externa, onisciente e interna.

Bulhões caracteriza o narrador-personagem da seguinte forma: “o personagem, principal ou secundário, desempenha também a função de focalizador. Trata-se, portanto, de uma perspectiva limitada, que só narra aquilo que vê ou que faz parte do campo de sua consciência” (Bulhões, 2009, p. 84). Desse modo, quaisquer informações na narrativa dependem unicamente da experiência e da capacidade de criação e interpretação do próprio autor.

É de fundamental importância que se faça entender a ligação entre uma reportagem de Jornalismo Literário e o conceito de narrador-personagem, uma vez que, considerando significados como essencialmente contextuais, o repórter-personagem seria o único capaz de, como parte integrante de uma trama real, entender a situação e decifrar os signos que a compõem para que, dessa forma, possa atingir uma representação mais ampla das realidades que habita ao fazer cada reportagem.

3.2. A apreensão do real

O processo de apreensão dos signos, portanto, começa pela conceitualização de consciência por Santaella (1986) como o “lugar onde interagem formas de pensamento” (p. 35-36). Os pensamentos que habitam a consciência, pela fenomenologia peirceana adotada por Santaella, dividem-se em três categoria fenomenológicas: primeiridade, secundidade e terceiridade. Tais categorias não possuem, entre si, relações sequenciais ou de hierarquia, e sim coexistem em todos os fenômenos que dizem respeito à consciência, ainda que haja possibilidade de que uma sobressaia às outras.

A primeiridade, segundo Santaella, é “nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir” (1986, p. 36). Está ligada à noção de sentimento presente e, portanto, é essencialmente livre, espontânea e indivisível. Muito embora tenda a ser associada ao primeiro contato do indivíduo com seu objeto, a primeiridade encontra-se no fenômeno em sua totalidade.



A secundidade, por sua vez, é descrita por Santaella como “‘a pedra no caminho’ de que nos fala Carlos Drummond de Andrade” (1986, p. 40). É a categoria do contato do indivíduo com a materialidade do mundo e da própria existência, o modo como o indivíduo se insere e interage no e com o ambiente do qual faz parte.

Tudo produzido na consciência é signo e, conseqüentemente, todos os signos são, em algum momento, interpretantes de um signo próximo, ou seja, todo pensamento provém de um pensamento anterior e, assim, constrói outras representações. Para Santaella (1986, p. 42), a terceiridade “aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada da inteligibilidade, ou o pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo”.

Santaella (1986) introduz os conceitos dos objetos imediato e dinâmico. O objeto imediato diz respeito ao modo como o objeto dinâmico, aquilo que o signo se refere, é representado no signo. Há também os interpretantes imediato e dinâmico: enquanto o interpretante imediato diz respeito a todas as possibilidades de reação que podem ser apreendidas do signo em si, o interpretante dinâmico tange a reação individual causada pelo signo, ou seja, o modo como ele é, de fato, apreendido pelo indivíduo.

Para se interpretar o signo em sua dinâmica processual é necessário que se domine os códigos de sua linguagem. Do contrário, há o risco de manter-se na dimensão da significação individual dos fenômenos. Essa diferenciação é o que dá sentido à convivência entre repórter e demais personagens durante uma reportagem literária: o tempo que se passa habitando uma realidade é o tempo que se busca dominar os signos ali presentes, a linguagem à sua volta. É buscando tais conhecimentos que se constrói vinculação e, conseqüentemente, diálogo e comunicação.

3.3. A comunicação como vínculo

Em relação às questões práticas do campo comunicacional, Sodré (2011, p. 234-235) define três dimensões semânticas: veiculação, vinculação e cognição. A dimensão da veiculação diz respeito às práticas e mecanismos que disseminam a informação, os chamados meios ou veículos de comunicação.



É na vinculação que se estabelece relações entre os componentes de uma comunidade, quer sejam estas relações de discordância ou concordância. Cabe à vinculação a tarefa, segundo Sodré, de manter-se como um “fio condutor de sentido pertinente à variedade das ações sociais” (p. 223), ou seja, para que determinada coisa dure na contemporaneidade, é necessário que se crie vínculos entre a informação e aquele que a recebe. No caso do Jornalismo Literário, pode-se dizer que a incorporação de elementos narrativos literários funciona como um mecanismo de vinculação entre o público e a realidade retratada.

A terceira e última dimensão semântica da Comunicação é a cognição, na qual se dá a interpretação da informação. Através dela é preciso analisar as diferentes formas de apreensão presentes no fenômeno de uma reportagem literária, uma vez que o repórter não está na posição de um filtro inerte, e sim na posição clara de um narrador-personagem. Desse modo, para estabelecer comunicação, de fato, o repórter literário deve fazer uma constante tradução de suas impressões e experiências. É por isso que o repórter literário se diferencia: sua transparência na busca pelo real vem, sobretudo por sua habilidade em traduzir-se.

3.4. A tradução de si mesmo

É necessário, portanto, retomar o conceito de narrador-personagem e relacioná-lo aos também já explorados conceitos das categorias fenomenológicas de Peirce e com as dimensões semânticas da Comunicação. É a partir das ligações entre tais conceitos que se poderá supor os processos de apreensão e transmissão da informação pelo narrador-personagem/repórter e, assim, constituir a análise proposta neste artigo.

O critério usado para relacionar o repórter-personagem aos conceitos de primeiridade e a veiculação é a ideia que as últimas representam uma forma de aproximação, introdução. De certo modo, ambas parecem ser constituídas de uma ‘aproximação distante’ entre o objeto e a consciência: tão próxima a ponto de tocar, mas distante a ponto de não permitir, por si só, julgamentos além da qualidade de sentimento.



Diferentemente de reportagens tradicionais, em produções jornalístico-literárias é pouco provável que se consiga separar bastidores e reportagem propriamente dita. E, por esse mesmo motivo, as categorias fenomenológicas estão ainda mais misturadas entre si e em cada um dos fenômenos e sujeitos que compõem a reportagem, incluindo o próprio repórter.

Pode-se dizer que a secundidade dialoga com o conceito de vinculação de Sodré (2011), uma vez que dificilmente o Jornalismo Literário se sustentaria como formato se não fosse construído, sobretudo, para a constituição de vínculo. E isto, por sua vez, se deve ao modo como o repórter transmite suas reações em relação à realidade em que se encontra. Por ser, também, um personagem, como defende esta pesquisa, o espectador/leitor busca identificar-se com as reações do repórter, com a sua forma de receber o mundo.

Cognição e terceiridade dizem respeito à posição interpretativa. Um repórter literário não só expõe suas experiências: expõe também suas interpretações e o modo como estas são formuladas em sua consciência. Em uma reportagem literária, são as interpretações do repórter que constroem a narrativa. Por melhor que seja, uma reportagem de jornalismo literário será um recorte de realidade feito a partir da sensibilidade e dos pensamentos e interpretações expostos de um repórter imerso em uma realidade. Assim, é possível considerar que uma reportagem de Jornalismo Literário é feita por um narrador-personagem que, além de reportar a realidade, reporta e traduz a si mesmo.

4 Análise da reportagem “A Casa de Velhos”, de Eliane Brum

Eliane Brum (1966) é jornalista, documentarista e escritora de ficção brasileira nascida em Ijuí, no Rio Grande do Sul. Formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), começou sua carreira no jornal Zero Hora, do qual foi repórter por 11 anos. Foi repórter especial e colunista da revista Época. Atualmente escreve uma coluna quinzenal para a versão brasileira do jornal El País.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



A obra de Eliane Brum se caracteriza pelos “desacontecimentos”, o cotidiano, e pela profunda imersão a qual se submete para a construção das reportagens, além de uma construção verbal melódica, sem ligações com as estruturas textuais formais do jornalismo. Para Eliane, o processo de formulação da reportagem é tão intenso que se compara a uma gravidez:

Costumo dizer que fico grávida da matéria, o que altera meu humor e meu metabolismo. Não é fácil me aguentar dentro de casa nesses dias de gestação de reportagem. Fico quieta, sorumbática. Passo uma semana num asilo ou 20 dias no meio do mato e quando volto não conto nada. Respondo às perguntas que me fazem com um olhar vago. Só consigo falar depois do parto de letras. (BRUM, 2017)

Assim, utilizando a teoria da Estrela das Sete Pontas apresentada por Felipe Pena (2018) caracteriza-se o trabalho de Eliane Brum como Jornalismo Literário. Das práticas do jornalismo convencional, talvez a mais latente na obra de Eliane seja a observação atenta e meticulosa, a habilidade de ouvir o outro: ela mesma se diz uma “escutadeira”, por exemplo. A segunda ponta da estrela se materializa na maneira como, décadas depois de escritas, as reportagens de Eliane não parecem perder o significado pelo qual foram escritas.

A terceira ponta, ao apontar para um recorte amplo da sociedade, aponta para a habilidade metonímica de retratar complexidades sociais em reportagens de Brum; A quarta ponta diz respeito à cidadania e ao bem-comum, que se alinham com a empatia e a capacidade de adaptação da repórter aos ambientes em que chega. As estruturas formais do jornalismo são substituídas por ritmo e estilo próprios, o que se caracterizaria como a quinta ponta da estrela.

A sexta ponta, o rompimento com as fontes primárias, está nos “desacontecimentos”, os fatos que a mídia tradicional não mostra. Por último, a sétima ponta diz respeito, assim como a segunda, à perenidade da obra e o modo como esta permanece no imaginário de seus leitores.

A escolha do livro *O olho da rua* (2017), composto majoritariamente por reportagens anteriores a 2008, como objeto se justifica para ilustrar a perenidade de seus relatos. A obra foi publicada pela primeira vez em 2008, com segunda edição em 2017.



A reportagem A casa de velhos foi publicada originalmente na véspera do Natal de 2001 na revista Época. Com fotos de Mirian Fichtner, retrata o cotidiano dos habitantes da Casa São Luiz para Velhice, um asilo centenário no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. De agora em diante, ao usar o termo “personagens”, entenda-se que aí estará englobada também Eliane Brum na condição de repórter-personagem.

Nos tópicos seguintes serão analisados os três principais signos percebidos e interpretados por Brum durante a reportagem: o portão de ferro, as refeições e a mala de mão. Os três signos expostos a seguir não são os únicos que poderiam carregar consigo os conceitos de espaço, tempo e personalidade, mas são os mais indicados porque não só significam em si, mas porque possuem interpretantes comuns a todos que pertencem àquela realidade.

4. 1. O espaço e o portão de ferro

Em relação ao espaço da narrativa, destaca-se o portão de ferro como signo de delimitação do espaço. A Casa de São Luiz para a Velhice é uma instituição centenária, criada com fins filantrópicos por famílias aristocráticas do Rio de Janeiro. Tal portão é considerado, por diversas vezes durante a reportagem, como símbolo da divisão entre a Casa e o mundo externo a ela. Esse é seu significado comum aos personagens da narrativa.

Todos os personagens parecem ser afetados de alguma maneira pela ideia do portão como barreira, e a própria Eliane Brum afirma esperar com ansiedade a vinda fotógrafa Miriam Fichtner: “Era ela que me lembrava que eu pertencia ao mundo depois do portão”. Por diversas vezes, Brum usa o termo “trágico” para caracterizar o portão da Casa. Apesar de muitos personagens parecerem concordar com o adjetivo, há exceções: para algumas personagens, estar ali é a melhor parte de suas vidas.

O portão possui uma forte carga simbólica na narrativa criada por Brum como a fronteira entre o mundo real, o convívio social, e o cotidiano da Casa que, ainda que ofereça mais segurança àqueles que nela vivem, os priva do contato externo. No signo “portão de ferro”, o portão é objeto dinâmico, enquanto o texto de Brum é seu objeto



imediatos: é a partir do texto e, portanto, do olhar da repórter, que o leitor tem contato com o portão.

O interpretante imediato diz respeito ao modo como o signo se apresenta: o que pode aqui ser considerado como o portão de ferro em seus detalhes, tamanho e formas. Já o interpretante dinâmico diz respeito às possibilidades de absorção de tais elementos em processos cognitivos, ou seja, é a partir dele que se observa e faz associações, fazendo com que varie de acordo com os processos cognitivos de cada indivíduo.

É a sensibilidade de Eliane como repórter-personagem que permite retratar a complexidade de significações entre os signos. Para fazer tais recortes que ilustrem o ambiente é necessário que haja domínio não só em relação às linguagens jornalística e literária, mas também ao cotidiano do espaço e de cada um que ali habita.

4.2. O tempo e as refeições

O tempo, na Casa, é medido em função das refeições, as referências de tempo: café da manhã às 7h30, o lanche às 10h, o almoço ao meio-dia, outro lanche às 14h30 e o jantar às 17h. Eliane afirma que, como todos os habitantes da Casa, também esperava com ansiedade todas as refeições e todas as rotinas: “a passagem de tempo marcada por acontecimentos repetitivos era o que dava concretude à vida ali”.

Sem muito mais para esperar, os velhos esperavam pela comida. Organizam suas vidas em intervalos, entre um pão com manteiga e uma fruta, entre a pizza e a sopa. E assim a comida ganha importância desmesurada. (BRUM, 2017, l. 839)

Para Brum, o interpretante dinâmico do signo refeição, no contexto da Casa, seria a sensação de imutabilidade dos tempos, rotina, monotonia, como expressado que, ao sair da Casa, “uma parte de mim queria voltar para a segurança das horas imutáveis” (2017, l. 1129). Como narradora-personagem, Eliane também constrói seus signos assim como os demais personagens.

O objeto dinâmico do signo refeição se relaciona com o tipo de alimento que está sendo servido, a comida em si. O objeto imediato, por sua vez, é o modo como a comida é apresentada, os gostos, os horários em que é servida, o ambiente em que é



ingerida. No signo refeição, o interpretante imediato diz respeito à todas as possibilidades de recepção e cognição ligadas ao signo em si, enquanto o interpretante dinâmico é a variável, o modo como cada um interpreta o signo.

E, considerando que o interpretante dinâmico de um signo depende do repertório cognitivo de cada indivíduo, ele dificilmente será uma unanimidade, do mesmo modo que aconteceu com o signo “portão”. Enquanto que, para Brum, tanto em sua experiência quanto em sua escrita, o signo “refeição” se relaciona com a inflexibilidade e monotonia do tempo, para outros habitantes o mesmo signo toma direções diferentes: para alguns personagens, por exemplo, significa a perda da autonomia de não poder escolher a própria comida.

4.3. Os personagens e suas malas de mão

A mala de mão é uma metáfora que aponta para a síntese forçada das personalidades de cada um dos que são internados na Casa. Sem escolha, devem ser capazes de filtrar todos os signos que compuseram ao longo dos anos para que caibam em uma mala de mão. Para Brum, a mala de mão é “uma imagem simples – e exata. Ela contém a reportagem inteira, resume uma história que precisou de quase dez mil palavras para ser contada” (l. 1105).

Para muitos, no entanto, o valor sentimental dos artigos trazidos se sobrepõe à ideia de ter tido que sintetizar suas vidas em um pequeno espaço: são estes artigos que lhes trazem de volta a personalidade que, na velhice, não costumam ser estimulados a lembrar que existe.

O objeto dinâmico do signo “mala de mão” é o objeto mala de viagens que, por maior que seja, continua sendo pequena para agrupar uma vida de experiências. O objeto imediato é, por sua vez, a construção textual de Brum. Em relação aos interpretantes, o imediato são todas as possibilidades de interpretação do termo e do objeto mala de mão ao qual ele se refere. O interpretante dinâmico, no caso de Brum como narradora-personagem, é o que relaciona a mala de mão às renúncias feitas pelos idosos ao serem internados ali.



4.4. A repórter-personagem e sua visão sobre a reportagem

Neste tópico será examinado mais profundamente o texto “Na minha mala de mão, um pedido de desculpas”, que traz as reflexões de Eliane Brum sobre a reportagem. Este texto foi publicado já na primeira edição do livro *O olho da rua*, em 2008 e, portanto, sete anos depois da produção da reportagem em si.

Esse distanciamento temporal é o que permite que a autora se coloque em uma posição de observação, em contraste com as construções sógnicas criadas por ela, a partir do convívio na Casa, que compõem a narrativa e sustentam Brum como narradora-personagem. É no relato após o distanciamento que se percebe, com mais nitidez, o quanto personagem foi Brum. No texto, Brum explica que teria pensado demais em como a reportagem retratar um ambiente que ninguém gostaria de estar. Por isso, considera:

“eu os levei mundo de fora, mas também os expus. Eu os tratei como personagens de ficção, não como gente real. Eles se ouviram falando de sonhos eróticos, de ardores noturnos, de confinamento. E tiveram de conviver com isso, encontrando-se no dia seguinte pelos corredores da Casa” (BRUM, 2017, l. 1170)

Como dito no primeiro capítulo desta pesquisa, a Comunicação, segundo Sodré (2011), é dividida em três dimensões semânticas: veiculação, vinculação e cognição, e aqui as relacionaremos com o trabalho de Brum em *A casa de velhos*. A reportagem foi veiculada por uma revista, um suporte com maior flexibilidade em relação ao tamanho e estilo dos textos publicados, o que oportunizou a Brum maior liberdade de criação e de abordagem.

Ao escolher permanecer na instituição durante dias, pode-se considerar que a repórter tem como prioridade a vinculação entre si mesma e os outros personagens. É essa vinculação que permitiu a Eliane conseguir relatos íntimos daqueles que a cercaram durante uma semana: “eu era um grande ouvido, rompendo uma rotina que a maioria achava tediosa, disposta a escutá-los por horas num momento de suas vidas em que ninguém mais quer ouvi-los” (l. 1170), escreve.

A cognição permeia todo o processo de produção e escrita da reportagem através da construção sógnica, e tal relação fica expressa principalmente quando, ao comentar seu



processo criativo, Brum se diz “grávida da matéria” e que volta totalmente a si somente após o “parto de palavras”. A construção da matéria depende da cognição, da habilidade de organizar estruturas e criar símbolos, linguagem. Em relação a A casa de velhos, Brum diz: “a composição dessa reportagem foi delicada, escrevi e reescrevi várias vezes. Sofri. E quando todo o processo acabou eu estava dilacerada” (l. 1170) e, mais tarde no mesmo texto, afirma ter sido um dos retratos mais exatos de uma experiência que já havia tido.

6 Considerações Finais

Literatura e o Jornalismo são manifestações do pensamento que têm em comum a necessidade ancestral humana de contar histórias. Essas duas áreas, teoricamente, seriam separadas por seus fins: enquanto a Literatura pensa, muitas vezes, em criar histórias, o Jornalismo se encarrega de registrar narrativas. No entanto, por diversas vezes ao longo da história, Jornalismo e Literatura se tangenciaram, sendo uma das expressões contemporâneas dessa relação o gênero do Jornalismo Literário, que se caracteriza por uma maior imersão do repórter na realidade a ser retratada.

Entre as principais questões do Jornalismo está a noção de que objetividade e imparcialidade seriam princípios irrefutáveis da prática jornalística. Indo de encontro com essa ideia, a pesquisa conclui que a valorização da personalidade em narrativas jornalísticas não significa a ausência de método, e sim a adição de novos elementos textuais e de interação entre repórter e realidade, de forma a criar vínculo entre eles.

Esse vínculo, por sua vez, seria constituído a partir da dimensão semântica da cognição, propostas por Sodré, por meio da construção de signos a partir da lógica peirceana exposta por Santaella. Parte-se da ideia de que, para reportar uma realidade, é necessário que o repórter desenvolva domínio acerca dos signos que compõem a realidade na qual estão inseridos.

Entre as formas de focalização narrativa expostas por Bulhões, o conceito de narrador-personagem é o único que está essencialmente ligado à aproximação e participação ativas na realidade sobre a qual fala. Assim, defende-se que o repórter, ao fazer uma reportagem de jornalismo literário, assume o papel de narrador-personagem.



E, ao analisar “A casa de velhos” como corpus, conclui-se que o processo de vinculação entre repórter e demais personagens é intermediado pela construções de signos em comum que, no caso da reportagem estudada, são portão de ferro, refeições e mala de mão. Assim, somente ao do dominar os signos componentes da realidade na qual se está é que se pode retratá-la e, para isso, é necessário assumir o papel de repórter-personagem.

7 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. Disponível em: <<https://pensamentosnomadas.blogs.sapo.pt/obra-completa-de-aristoteles-em-10874>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017. E-book. Não paginado..

BRUM, Eliane. **Trajetória**. Disponível em: <<http://elianebrum.com/biografia/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BULHÕES, Marcelo Guimarães. **A Ficção nas Mídias: um curso sobre narrativas nos meios audiovisuais**. São Paulo: Ática, 2009.

OLIVEIRA., Ângela Francisca Almeida de. Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: um início de conversa. **Cena em Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.1-14, nov. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cenamov/article/view/21605/12442>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da Comunicação Literária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?: Coleção Primeiros Passos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013